



## MISCELÂNEOS

Fermentario N. 7 (2013)  
ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,  
Universidad de la República. [www.fermentario.fhuce.edu.uy](http://www.fermentario.fhuce.edu.uy)

---

### A IDEIA DE MESTRE E AS INFLUÊNCIAS DE SCHOPENHAUER E WAGNER NO PRIMEIRO NIETZSCHE

Thaise Dias Alves<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho investigo a ideia de mestre em Nietzsche (1844-1900), as críticas à educação de sua época e as influências de Schopenhauer e Wagner, que serão encontradas, principalmente, no “jovem Nietzsche” (1869-1879). No primeiro momento, exponho uma visão panorâmica desta fase destacando sua formação. Na segunda parte, analiso as influências do compositor Richard Wagner. Logo após, resalto as críticas nietzschianas realizadas sob a luz do mestre Schopenhauer, que denunciam, sobretudo, a erudição, a pseudocultura e a tradição que predominava na Alemanha do séc. XIX. Por fim, destaco as relevâncias da filosofia de Nietzsche, porém, pensando nos dias de hoje.

---

<sup>1</sup> Graduada em filosofia, mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina. Endereço eletrônico: [thaised.alves@gmail.com](mailto:thaised.alves@gmail.com)

**Palavras-chave:** educação – formação – mestre - Nietzsche

**Resumen:** En este trabajo investigo la idea del maestro en Nietzsche (1844-1900), la crítica a educación de su tiempo y la influencia de Schopenhauer y

Wagner que se encuentra principalmente en el "joven Nietzsche" (1869-1879).

En primer lugar, expongo un resumen de esta fase destacando su formación.

En la segunda parte, se analizan las influencias del compositor Richard Wagner.

Poco después, la crítica nietzscheana hecha a la luz del maestro Schopenhauer, que denuncian la pseudocultura y la tradición que se impuso en la Alemania Del siglo. XIX. Por último, se destaca la importancia de la filosofía de Nietzsche, sin embargo, pensando en estos días.

**Palabras clave:** educación - formación – maestro - Nietzsche

**Abstract:** In this paper I investigate the idea of Master in Nietzsche, the criticisms of the education of his time and the influences of Schopenhauer and

Wagner found that are strongly in its first intellectual period. I analyze the problem

of human formation and the concept of educators of Nietzsche, as the influence

of the composer Richard Wagner. In the second, snapping Nietzschean criticism

made in the light of the master Schopenhauer, who denounce especially the scholarship, and pseudo prevailing tradition in Germany of the century. XIX.

Finally, I highlight the relevance of Nietzsche's philosophy to think of education and educator today.

**Keywords:** education - formation – master - Nietzsche

## 1. Introdução

Apresentar as ideias de Nietzsche (1844-1900) de forma singular, pura e arredondada não seria uma tarefa fácil, pois neste mesmo autor encontramos distintas influências, principalmente, em seu período "jovem" (1869-1879). De fato, quando nos deparamos com a obra *O nascimento da tragédia* (1871) sentimos a presença do amigo e mestre: Richard Wagner (1813-1883), que deixou marcas profundas em seu pensamento, como o gosto musical e a maneira

de lidar com os mitos. Além disso, Nietzsche e Wagner compartilhavam o desejo de recuperar uma tradição anterior: a época trágica, dos Gregos na era helênica. Um período marcado pela contestação de tudo que era experimentado, como o conhecimento sob a custódia da moralidade, os conceitos prévios e as verdades puras e irrefutáveis.

A partir deste contexto, uma das maneiras de compreender o ideal pedagógico nietzschiano seria percorrer tais influências, e, segundo Weber (2011) analisar o conceito de *formação*, como ele se desdobra na medida em que Nietzsche constrói e desconstrói seus ídolos. A partir daí, seria possível afirmar que o nosso autor levanta a discussão acerca da educação através dos seus mestres, como o “velho pessimista de Frankfurt”: Arthur Schopenhauer (1788- 1860). Da mesma maneira, o filósofo resgata o assunto da mediocridade que caíra, visto que o foco da Europa no século XVIII e XIX era o desenvolvimento científico, a especialização e manipulação conhecimento.

Esmiuçando genealogicamente o problema do mestre, Nietzsche atravessa os séculos com suas críticas ao homem erudito e científico. Tipos que não deveriam, nem em extremo caso, assumir as instituições de ensino, pois adequavam o saber as medidas tradicionais e ultrapassadas, atendendo, assim, os egoísmos do Estado, da ciência, do comércio e da “bela forma.”

Hoje, isto nos oferece o que pensar, visto que o mundo contemporâneo e seus impasses carecem, sobretudo, de discussões mais profundas acerca das vantagens e desvantagens da massificação do indivíduo; sobre a tendência de facilitação, aceleração e especialização do conhecimento. Em suma, sobre o descaso com a formação humanística.

Por isto, o presente artigo inicia com uma visão panorâmica desta primeira fase de Nietzsche, destacando sua formação e seus 10 anos como educador. Na segunda parte, analiso as influências do compositor Richard Wagner. Logo após, resalto as críticas nietzschianas realizadas sob a luz do mestre Schopenhauer, que denunciam, sobretudo, a erudição, a pseudocultura e a tradição que predominava na Alemanha do séc. XIX. Por fim, destaco as relevâncias da filosofia de Nietzsche, porém, pensando nos dias de hoje.

## 2. Uma breve análise acerca da formação de Nietzsche

Falar da formação de Nietzsche, sua relação com a educação e as considerações que fez durante a juventude seriam uma excelente porta de entrada para este assunto. Assim, exponho uma visão panorâmica da primeira fase do nosso autor que, vale ressaltar, lecionou durante dez anos a cátedra de filologia na Universidade da Basileia, entre os anos de 1869 e 1879. Um período marcado pelos seus projetos pedagógicos que avançaram e recuaram nos encontros e desencontros com seus modelos e referências.

Dito isto, seria importante iniciar com a própria escolaridade de Nietzsche, que começa em Naumburg, na Turíngia, onde se destacava por sua inteligência e dedicação. Em 1858, é enviado a um rigoroso internato de ensino religioso chamado *Pforta*. Ocasão em que se debruçou sobre os estudos da língua materna, o hebraico, o grego e o latim. Nos primeiros meses de internato, realizou seus estudos com dedicação, no entanto, já sentia falta de aplicar seus conhecimentos à vida, mas, ainda assim, compreendia o peso e a responsabilidade da própria educação frente à morte prematura de seu pai. De fato, este será o início de uma autodisciplina invejável.

Os anos se passaram e Nietzsche ingressa a Universidade de Bonn, frequentando dois cursos ao mesmo tempo: teologia e filologia. Porém, desiste da primeira opção e acaba se dedicando exclusivamente ao curso que mais lhe agradava naquele momento. Aos 24 anos, mesmo sem os últimos graus universitários, redige um ensaio que expressa uma nova vontade:

“Em Leipzig, limitei-me a observar como se ensina, como se transmite aos jovens o método de uma ciência. Também me esforcei em aprender como deve ser um mestre, e não estudar apenas o que se estuda na universidade. Meu objetivo é tornar-me um mestre verdadeiramente prático e, antes de tudo, despertar nos jovens a reflexão e a capacidade crítica pessoal indispensável para que eles não percam de vista o porquê, o quê e o como de uma ciência”(DIAS, 1993: 26)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Carta escrita por Nietzsche em agosto de 1887

Estas anotações repercutiram, e em 1869 o jovem será convidado a ministrar a cátedra de filologia clássica na Universidade da Basileia e na escola Pädagogium. Em correspondência ao amigo Gersdorff, Nietzsche confessa que irá assumir uma postura diferenciada, pois jura lutar contra a erudição para encarar suas novas tarefas com a face mais serena do que a maioria dos filólogos, pois a serenidade filosófica se enraizava de uma forma extraordinariamente profunda. Tudo isto graças ao encontro com o mistagogo Schopenhauer. (HALEVY, 1989: 50).

Em 1869, Nietzsche aceita a docência, porém, com alguns receios, como exemplo, de se tornar mais um *filisteu da cultura*, outro *homem de rebanho*, entendendo que o exercício diário do mestre poderia atacar a livre sensibilidade do seu espírito. Em uma correspondência datada de 13 de abril de 1869, encontramos alguns relatos sobre estes temores:

“(...) ingressarei numa profissão nova para mim, numa pesada e opressiva atmosfera de obrigações e deveres (...) reina agora a rigorosa deusa, a obrigação diária (...) Sim, sim! Agora é a minha vez de ser um filisteu! Mais dia menos dia, aqui ou ali, o dito sempre se comprova. As funções e as dignidades são coisas que nunca se aceitam impunemente. Toda a questão está em saber se os grillhões que se arrastam são de ferro ou de linha. E ainda disponho de coragem bastante para romper no momento oportuno algum elo, e arriscar de uma outra maneira ou em outro lugar, alguma tentativa de vida perigosa. Da gibosidade obrigatória do professor, ainda não vejo nenhum vestígio em mim. Tornar-se filisteu, homem de rebanho – que Zeus e as Musas me poupem isso! Aliás, não vejo como me poderia tornar o que não sou”(WEBER, 2011: p. 125).

De modo progressivo, Nietzsche abandona esta hesitação, mantendo uma compreensão particular da cultura, do valor da arte e do ensino, afinal, tal diálogo tomava conta do seu espírito. Na Basileia, acaba oferecendo o “curso sobre a história de língua grega (...)”, no Pädagogium, “Lê o Fédon de Platão” (DIAS, 1993: p. 30). Rapidamente, descobre que, tanto o vigor, quanto o rigor seriam suas tarefas fundamentais.

Neste meio tempo, nosso filósofo conhece Richard Wagner, sendo de fato arrebatado pela arte deste gênio musical. Em cartas endereçadas ao amigo Rohde, Nietzsche descreve - e com certa excitação - a impressão do primeiro encontro com o compositor:

“É um homem fabulosamente vivo e petulante, que fala muito rápido, com muito espírito, e capaz de, sozinho, alegrar uma reunião íntima como era a nossa. Nesse meio-tempo, tive com ele uma longa conversa sobre Schopenhauer” (...) Em seguida ele quis saber qual é a atitude atual dos filósofo em relação a Schopenhauer; riu ruidosamente do congresso dos filósofo em praga e falou da domesticidade filosófica (...). Tive com ele uma longa conversa sobre Schopenhauer. Ah, bem pode me compreender como me foi grato ouvi-lo falar com um indescritível calor, declarar sua dívida para com Schopenhauer (...)”(HALEVY, 1989: 50).

Assim, em 1868 surge uma admiração mútua entre estes pensadores, dado os interesses em comum, como exemplo, o gosto musical, a preferência pelos mitos, tal como a descoberta da obra filosófica: *Mundo como vontade e representação* (1819). Assim, encontravam a Vontade enquanto princípio metafísico, autorizada pelo Arthur Schopenhauer. Por analogia ao que sentia, Nietzsche se reconhece alegre e completo, graças a este belo encontro com estes que seriam os seus verdadeiros mestres.

Paralelo a este caminho, o “professor Nietzsche” começa a descreve certo descontentamento com a profissão que outrora escolheu. De fato, em 1879 já ocupava esta posição pelo destino, ou pelas aglomerações casuais. Entre outro agravante, encontramos o desgosto pela formação tradicional, ou melhor, por como ela se dava dentro dos estabelecimentos, afinal, o ensino se resumia à padronização desmedida do homem. Um problema que deveria ser visitado e revisitado, isto é, discutido, porém, da forma mais clarividente possível, afirma Nietzsche, em obras como *Schopenhauer como educador* (1874), e nas suas *Conferências: Sobre o futuro de nossas instituições* (1872).

### **3. As influências de Richard Wagner**

Richard Wagner foi um compositor, dramaturgo e filósofo alemão que procurou transformar e revolucionar o conhecimento através de sua arte. Nascido no ano de 1813 dá início ao seu sucesso com a obra *Navio Fantasma* (1841). Em 1849, participou da revolução em Dresden, porém, foge para Zurique onde escreveu suas importantes obras teóricas: *A obra de arte do futuro* (1850) e *Ópera e drama* (1851). Entre as suas composições mais conhecidas estão:

*Ouro de Reno, Tristão e Isolda, Os mestres Cantores de Nuremberg, Crepúsculo dos deuses e Parsifal*. Assim, Wagner se torna um homem influente em seu tempo, graças ao seu talento inigualável, a originalidade e seu rico entendimento acerca dos mitos gregos, germânicos e escandinavos. No seu período mais “wagneriano”, Nietzsche afirma - e com certo entusiasmo - a maneira com que o compositor tocava a Alemanha no século XIX:

Por todas as partes juntas materiais e os faz seus, e, quanto mais imponente é o edifício, mais dominante e coordenadora se eleva a abóbada de seu pensamento. Contudo, poucos homens tropeçaram com maiores dificuldades para encontrar acesso nas ciências e nas artes específicas, e muitas vezes tiveram de improvisar esse acesso. O renovador do drama simples, o inventor da hierarquia que devem ocupar as artes na verdadeira sociedade humana, o intérprete inspirado das concepções do passado, o filósofo, o historiador, o estético e o crítico Wagner, o mestre do idioma, o mitólogo e o poeta místico, pela primeira vez fundidos em um só anel sobre o qual gravou os caracteres únicos de seu pensamento, as magníficas figuras, primitivas e formidáveis: que acúmulo de conhecimento não teve de reunir e de abraçar em um só contato para chegar a ser tudo isso! (MONIZ: 2007, p. 110).

Vale ressaltar que, *o mestre do idioma, o mitólogo e o poeta místico* não se limitou à releitura de tragédias e à criação de dramas, escrevendo extensas críticas, assim como teorias filosóficas. De personalidade forte, defendeu a música como ferramentas de revolução cultural. Como consequência, acabou adquirindo críticos ferrenhos que refutavam a ligação entre criatividade e teoria. Por sua vez, não estariam contra Wagner por desconhecer as questões novas que trazia; as novas lentes que reconsideravam a ciência pela ótica do artista e a arte pela ótica da vida?(NIETZSCHE, 1954: 20).

Nesta relação entre Wagner e Nietzsche, podemos ressaltar outras afinidades, assim como o interesse pelos mitos e pela filosofia de Schopenhauer; os poemas de Hölderlin, ou obras de Homero, Esíodo, Ésquilo e Goethe. De fato, possuíam interesses familiares, compartilhando a arte como meio - ou possibilidade - de retorno do homem a sua condição de plenitude (MONIZ, 2007:161).

Desta maneira, inspirado por Wagner e Schopenhauer, Nietzsche escreve seus temas, canta teorias filosóficas em *O Nascimento da tragédia* (1871). Obra que, apesar das duras críticas que recebeu, ou até mesmo do “tentame de



autocrítica”, ainda assim, tornou-se um marco que denuncia a importância da arte e seu caráter formativo, tal como as desvantagens da imposição cega da moral e da lógica sobre o homem. A partir daí, o autor resgata um caminho que foi ignorado, utilizando os deuses Dionísio e Apolo como forças capazes de explicar que a vida pode ser justificada de outras maneiras. Assim, o dionisíaco e o apolíneo são forças antagônicas, contudo, não representam uma relação dialética, pois, para Deleuze

três ideias definem a dialética: a ideia de um poder do negativo como princípio teórico que se manifesta na oposição e na contradição; a ideia de um valor do sofrimento e da tristeza, a valorização das “paixões tristes”, como princípio prático que se manifesta na cisão, no dilaceramento; a ideia da positividade como produto teórico e prático da própria negação. Não é exagerado dizer que toda filosofia de Nietzsche, em seu sentido polêmico, é a denúncia das três ideias(1976: 89).

Até então, a filosofia que estava entre a ideia contemplativa do universal e do particular, transformava o pensamento em prisioneiro dos fins, de fato, passando ao largo da compreensão das forças e vontade que dão sentido e valor à vida, afinal, permaneciam na pergunta “O que é...?”. Estrutura que aponta uma pergunta, mas que implica respostas prontas de antemão. No entanto, Nietzsche funda uma filosofia dramática, tipológica, por isto, diferencial. Faz da filosofia uma arte de interpretar e avaliar, pois “para as coisas coloca a pergunta: ‘Quem?’ Aquele que... é Dionísio.” (DELEUZE, 1976:p. 89). Este deus que expressa a máxima potência da vida, sendo representado, posteriormente, pelo conceito de *Vontade de poder*. No entanto, tal teoria aparece com mais vigor no momento em que Nietzsche se divorcia de Wagner e Schopenhauer ao falar como um *niilista ativo*, isto é, afirmando a necessidade de novos valores após o aniquilamento das verdades.

Porém, em *O nascimento da tragédia*, ainda percebemos a timidez da *Vontade* nietzschiana, que tem como porta de entrada Apolo e Dionísio; aparência e dissolução, ou sonho e embriaguez. Nietzsche utiliza os deuses como elementos indissociáveis e essenciais para explicar o sentido trágico da vida. É desta maneira que o nosso filósofo se joga no problema da verdade,



sendo entusiasmado pelo pensamento de seu nobre companheiro de armas, precursor deste difícil caminho (NIETZSCHE, 1954: 34). Assim, dedica a Wagner o seu “filho pródigo”, que chega para questionar as filosofias predominantes, de cunho metafísico e lógico, que empobreciam a vida abrindo mão da alegria grega pela conservação da moral e da tradição que calam a vontade do indivíduo:

A moral não será tão somente uma “vontade de negação da vida”, um instinto secreto de aniquilamento, um princípio de ruína, de decadência, um enegrecimento, um começo do fim? Não será por consequência o perigo dos perigos? Foi, pois, contra a moral que, neste livro, o meu instinto se reconheceu defensor da vida, para constituir uma doutrina e uma teoria de vida absolutamente contrária à moral: uma concepção puramente artística, anticristã (NIETZSCHE, 1954: 71).

Aqui, Nietzsche demonstra que a vontade moral e a vontade cristã são negadoras, pois o puro conhecimento mata a ação; paralisa a vida. Todavia, para agir, é indispensável que sobre o mundo paira o véu de maia, (NIETZSCHE, 1954: 71), e, aqui, percebemos o valor do artista, do sonhador, visto que seu espírito leve não se afasta das possibilidades de criar, pelo contrário, sendo oposto àquele que busca o excessivo conhecimento nas coisas, na “visão da verdade horrível, que anula todos os impulsos, todos os motivos de agir” (NIETZSCHE, 1954: 71).

No fundo, Nietzsche já aborda sua teoria pedagógica, isto é, “no amálgama das forças dionisíacas e apolíneas, por isto, nas realizações humanas” como uma luta necessária para construção do intelecto dos indivíduos, pois, sobretudo, “se deve sempre levar em conta estes impulsos, um que vem do abismo inexpugnável do inconsciente e do corpo, e outro que forma as imagens do mundo da consciência (NIETZSCHE, 1954:71)”. Elementos que ainda são primordiais e indestrutíveis na sua filosofia. De fato, é com Apolo, o deus da bela aparência, que Nietzsche simboliza o “universo artístico” do sonho, esta atividade orgânica, natural, que se dá através do jogo da aparência, sendo a disposição peculiar do lado artístico dos gregos, que sabiamente captaram esta característica sanadora do sono e do sonho, projetando-a magistralmente na figura de Apolo(...) (WEBER, 2011: 92). A partir daí, podemos perceber que a

vida, por sua vez, o problema da formação, também será entendida a partir deste jogo de pulsões, impulsos e instintos.

Porém, o que caracteriza este espírito artístico e nobre em Nietzsche? O que seria esta essência criadora que o autor deseja resgatar? Ser nobre é permitir-se para conquistar certas nuances, mas para isto é preciso encarar um longo caminho; debruçar sobre aqueles que foram nobres, assim como os Gregos que entendia a formação como um todo, pois o espírito não se desenvolve desacompanhado do corpo. É esta a formação que Wagner e Nietzsche irão defender: uma educação que chega através da cultura alegre, por isto, que reabilitação a dimensão estética na educação; do lugar que equivale à arte, rompendo, assim, com as “pseudoculturas” que predominavam dentro das instituições alemãs da época.

Porém, em 1872, logo após a apresentação de sua peça mais famosa: Parsifal em Bayreuth, Nietzsche muda de opinião. É quando o filósofo começa a acusar Wagner de degenerar a arte fixando-se ao drama; de compactuar com o novo Reich, o império militar de Otto Von Bismarck, esquecendo a vitalidade e o poder da criação trágica. E qual seria o problema do drama ou do sucesso wagneriano? O caso é que, para Nietzsche, Wagner vendeu sua arte, tornando-se, assim, a música do Estado alemão que exalava os modos bismarckianos e o projeto de “uma Alemanha” para os alemães. Quanto ao drama, segundo o filósofo, ele confirma uma moral, uma visão de mundo não Dionisíaca. Neste período, Nietzsche começa a entender que, singularmente, a força de Dionísio era capaz de comunicar o poder da faculdade artística, em vista que o drama, que era representado pelo impulso apolíneo, ainda era o “*phatos*” cristão da contradição e da moralidade (DELEUZE, 1976: p. 11).

Igualmente, o filósofo começa a tratar com mais seriedade a oposição entre política e cultura, esquecendo que os instintos apolíneo e dionisíaco estavam em “proporção rigorosamente recíproca” (NIETZSCHE, 1954: 180), destacando o instinto artístico (*Kunsttrieb*) como “expressão genuína da vida, uma manifestação plena da natureza” (NIETZSCHE, 2005: 18) que nasce através dos pensadores e artistas genuinamente livres.

Em 1876, Nietzsche rompe com Wagner, porém, segue denunciando o perigo da consciência científica pesada; a intromissão da metafísica e o seu sentimento exagerado; a história do pensamento; os ideais pedagógicos e suas falhas; a má qualidade da educação oferecida - dos ginásios ao ensino superior -, assim como “tipo burocrata”, o professor que dominavam as universidades enraizando o conhecimento e expondo-o como pura “erudição”, porém, com outra abordagem. De fato, Nietzsche oferece uma originária configuração com o seu discurso sobre o tema, pois nosso filósofo formula a ideia de mestre a partir da experiência do educador-filósofo, das tipologias que vão trazer a tarefa do mestre, este que ensina mais pelas suas ações, do que pelos seus livros.

A partir deste momento, podemos dizer que não mais os gregos, ou Wagner, mas o “solitário de Frankfurt” que representará o que seria o mestre.

#### **4. Schopenhauer: o mestre-filósofo**

Neste contexto, a ponderação se atesta logo no título da sua */// consideração intempestiva: Schopenhauer como educador* (1874). Um escrito dedicado ao mestre-filósofo que demonstrou a educação como um, entre demais meios de elevar o homem. Mas, ainda assim, Nietzsche desconhece algo melhor, sobretudo que traga mais alegria do que a própria atividade de lembrar os mestres e educadores que atravessaram sua vida. Assim, era este o filósofo educador e amigo com quem sonhava, ou melhor, que necessitava, afinal, Nietzsche temia pela sua educação, depositando um poder inigualável e insubstituível sobre os verdadeiros guias, pois com eles descobrimos nossa força central, assim, impedindo que elas ajam de maneira destrutiva com relação às outras forças. Para Nietzsche, o mestre é aquele que consegue conduzir o *outro* das cavernas das melancolias cétricas ou da renúncia crítica para as alturas da contemplação trágica, com o céu noturno e suas estrelas no infinito acima de nós (NIETZSCHE, 2011: 182).

Encontrando tais elementos no homem de Schopenhauer, Nietzsche começa a valorizar uma nobreza singular, os homens aptos a mostrar este caminho árduo e extenso da formação, e junto, uma nova ideia de instituição,

que deveria ser fundada no princípio da autoridade. Assim, tendo “como tarefa, por um lado, formar o senso da cultura alemã pelo desenvolvimento do sentido da língua, e por outro, formar personalidades autênticas.” (WEBER, 2011: 136). Por isto, primeiramente, devemos pensar na língua materna como instrumento, em sua possibilidade, pois é nela que uma cultura manifesta sua potência para “tornar-se o que se é.” E, em qual momento pensamos mais na língua materna? No ginásio, nas primeiras lições, logo após o “vir-a-ser” neste tempestuoso caos chamado mundo. Isto justifica, de antemão, que a educação requer maior rigor e disciplina.

Porém, em *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* (1872), texto influenciado pelo ensaio de Schopenhauer: “Sobre a filosofia universitária”, que faz parte do livro *Parerga e paralipomena* publicado em 1851 (DIAS, 1993: 104), Nietzsche adverte o seguinte quadro:

No ginásio, todos são considerados, sem um exame mais rigoroso, como seres capazes de fazer literatura, com o direito de ter opiniões pessoais sobre os fatos e os personagens mais sérios, embora uma educação correta devesse justamente aspirar, com todos os seus esforços, reprimir as ridículas pretensões de autonomia de julgamento e apenas habituar o jovem a uma estrita obediência sob a autoridade de gênio (WEBER: 136 – 137).

Quem é, portanto, o gênio, ou a dita “personalidade autêntica” neste período específico de Nietzsche? Em *Schopenhauer como educador*, a genialidade, a autenticidade se afasta dos estabelecimentos e se fixa no homem de Schopenhauer, aquele que é mestre pelo exemplo que oferece, pela forte personalidade que possui. Porém, em *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos*, Nietzsche fala, indiretamente, sobre a necessidade de escolas para a formação do gênio (WEBER, 2011: 149). Afirmações que, à primeira vista, parecem contraditórias, pois, para Nietzsche a natureza traz o gênio, não havendo necessidade de “parteiras” para isto. Crê que o gênio se impõe, mas também pretende mostrar que a genialidade não é algo que se estabelece por si sempre, assim, é preciso instituições de ensino, ou melhor, boas instituições de ensino para isto.

Certamente, é na *III intempestiva* que compreendemos porque, para Nietzsche, em oposição ao “homem massa”, o homem educado é um homem raro (WEBER, 2011: 15). Porém, encontramos no mínimo duas intenções neste texto: a primeira é reclamar por uma nova educação, despojada dos modelos pedagógicos, por isto, improdutivos, baseada na grandeza dos problemas cotidianos, na “tragicidade” dos fatos decorrentes em terra. A segunda é, de fato, demonstrar que a educação tem como fim uma auto-formação, uma terminação que certamente excede à atuação do mestre dentro dos estabelecimentos, mas que eleva a cultura a uma atividade para toda a vida.

Por isto, são por meio de homens excepcionais e superiores como Schopenhauer que entendemos a necessidade dos questionamentos internos que efetivam a educação para a vida. São nestes mestres, os que atuam como faísca, como impulso para as ações dos demais espíritos fortes, que devemos nos espelhar. Assim, será possível firmar os limites e as possibilidades da educação, percebendo a nobreza da vida; desfrutando – posteriormente - uma liberdade que a verdadeira formação pode proporcionar.

Assim, a concepção nietzschiana pretende resgatar a formação como *Bildung*, isto é, como cultivo de si/cuidado de si, pois a forte tendência científica invadia os ginásios e as universidades. No entanto, poderíamos pensar que Nietzsche desejaria o extermínio dos estabelecimentos e dos educadores, sobretudo se interpretarmos seus escritos com uma visão rápida e impaciente. Na realidade, o filósofo anseia que este período específico da educação receba como fim, nada mais, nada menos, que a própria formação dos jovens. Uma formação mais humana, para além da formação específica, e que se baseia no princípio da autoridade e da obediência. Valores retirados do homem schopenhauriano.

Assim, Schopenhauer sempre representará a primeira faísca, o verdadeiro guia que chega como um banho frio, raro e revigorante para proporcionar um reencontro consigo, afirma Nietzsche. E, por mais o “velho pessimista” tenha perdido o seu posto de mestre nos escritos posteriores, ainda assim, entra como parte importante para compreendermos a concepção nietzschiana acerca do educador.

## 5. As relevâncias de Nietzsche hoje

No entanto, como aplicar estes ensinamentos nietzschianos nos dias de hoje? Ou, por que pensar no educador a partir das objeções deste autor, afinal, participamos de uma sociedade de contexto cultural distante? Distante, mas não distinto, pois Nietzsche adentra uma noção de formação para a vida e devolve a civilização o que lhe foi tomado: o valor de um bom ideal, de um adequado mestre. Porém, fala de um mestre que está em condições de servir de exemplo para novas e vitais obras que ainda estão porvir.

Desta mesma maneira, percebemos que, para Nietzsche, a tarefa do educador não se assemelha à função do operário, e sim à do artesão, na medida em que é paciente, primeiramente, perante sua própria formação, assumindo as condições de servir como exemplo, não pela sua fala ou notoriedade, mas através de suas ações. Logo, o filósofo levanta as tarefas do educador que deve adestrar os primeiros e jovens impulsos que estão sem direção; que estão sendo desperdiçados. Para isto, necessitamos do “bom guia”, isto é, capaz de transformar opiniões vazias em pensamentos sérios e seguros. Assim, uma formação pensada como processo de constituição humana não ocorre naturalmente, pois necessitamos recorrer ao mestre, mas ao mestre provocador, guia e censor, aquele que ensina através dos problemas da existência. De fato, é aqui que Nietzsche resgata o valor da experiência.

Visto isto, nem o aluno, menos ainda o educador, deveram confundir a verdadeira educação, menos ainda, deturpar sua finalidade que não será a liberdade gratuita, ao passo que formar também significa podar, ou seja, controlar para conhecer e atingir compreensões maiores, como exemplo, os saberes mais sólidos e fortes.

Assim, quem esperava de Nietzsche respostas prontas e abertas, moles e complacentes aos dias de hoje, se decepcionou, pois os frutos que se colhe do seu trabalho não são de cunho utilitarista e pragmático. Por isto, esta investigação não oferece respostas diretas e de antemão aos problemas do educador, menos ainda uma noção de formação, um método, uma fórmula, ao passo que, pensar em Nietzsche é pensar com Nietzsche; é criar uma atmosfera,

um lugar que seja possível respirar novos ares. De fato, uma atmosfera para se pensar no mestre, porém, vestido de distintas formas. Para isto, segundo Marton seria preciso fazer uma leitura intensiva do nosso filósofo. Para Deleuze, é necessário conectar o texto nietzschiano com a força exterior pela qual ele faz passar algo. Ou, na voz de Lyotard, produzir novas, diferentes intensidades a partir de Nietzsche (MARTON, 1997:10).

Por isto, se não podemos falar deste fruto, isto é, dar resultados e respostas sobre o mestre, menos ainda formular uma receita ou método, uma teoria que lide com a sua essência, a partir de Nietzsche podemos ressaltar sua crítica àqueles que não estão - e nunca estarão - em condições de assumir a maestria. Revisitar a denúncia sobre os estabelecimentos de ensino que, ao invés de formar, “deseducam” o ser humano e o melhor do seu espírito. Porém, Nietzsche fala através de máscaras, de tipologia e bastante variadas, desde o mestre Dionisíaco, aquele que educa sem desprezar o horror das contingências, sendo capaz de retirar da mentira, do esquecimento e dos erros os seus ensinamentos. Passando pelo homem de Schopenhauer, o educador que reconsidera o valor dos encontros com “Eu”, com os gostos particulares através de auto-exames. Por isto, se tornar um exemplo de espírito nobre que se relacionou com o conhecimento de maneiras diferenciadas. Mais adiante, temos a terceira tipologia, encontra na fase mais derradeira de Nietzsche, mas que representa o “suprassumo”, a síntese da ideia de mestre, que agora ensina ao sol do meio dia sem desprezar a sombra da meia noite. Este é Zaratustra, o errante que mostrar as ações humanas como atos plenos, pois não há redenção e o que está feito está feito e irá retornar. Por isto, resta ao ser humano uma finitude de palavras, formas e verdades que irão retornar sem cessar, porém, sempre banhadas pelo infinito e imprevisível mar chamado mundo.

No entanto, há uma ideia em comum que abarca as três tipologias encontradas na filosofia de Nietzsche, assim como um fio, um fio de Ariadne, pois o mestre será o ideal que justifica a existência de outras maneiras, por isto, que repensa a formação enquanto processo de constituição humana em todos os casos, em todas as fases de Nietzsche. Por isto, o educador, independente do tempo histórico de onde estamos falando, independentemente do “Nietzsche”



que estamos focando, será a figura que nega os egoísmos da educação, renunciando as verdades que já soam de modo grosseiro aos ouvidos para encontrar, assim, um gosto melhor, mais refinado, mas particular, mais distinto, por isto, mais criativo.

Porém, os antídotos que o nosso autor revela só poderão “vir-a-ser” quando a máscara da certeza dissolver, isto é, no momento em que os fantasmas da fé, do medo do novo deixem de perturbar o homem. Em outros termos, na ocasião em que se abrace, igualmente, a grande esperança que Nietzsche deposita na formação humana, por isto, quando a civilização descobrir o valor do educador que deixou de carregar o fardo pesado da erudição, afastando-se das ações burocráticas que lidam com o conjunto de tarefas do mestre como um mero “ofício”.

## **6. Considerações finais**

Por fim, o mestre é este tipo capaz de mostrar que a existência é uma finita invenção delicada, audaciosa, desesperada, emergente, mas, sobretudo, composta de alegrias e tristezas derramadas sob a luz do acaso, afinal, possuímos tantas chances de fracassar quanto de obter sucesso. Esta será, em suma, a grande e bela “resposta” de Nietzsche ao problema do mestre, pois neles extraímos a essência para um futuro melhor ao perceber a vida de outras maneiras; com outros sabores; com outros olhares. Assim, o educador é aquele que demonstra as formas incomensuráveis que existem no mundo, visando, sim, uma cultura mais artística, saudável e de gosto refinado, independente do tempo que estamos tratando.

Em suma, neste trabalho nos deparamos com uma maneira nietzschiana de ver o mestre, que caminha junto ao risco, ao jogo e à dança, mas, ainda assim, foi preciso dizer algo a mais, algo sobre o mestre e a disciplina, a dor, os problemas, isto é, a condição trágica em que, na maioria das vezes, o homem se encontra. Em outras palavras, antes da leveza é necessário compreender quem é leve, ou melhor, perguntar-se por que ser leve. A partir daí adentramos a importância da experimentação, da degustação dos casos que Nietzsche nos

propõe e, ainda, a dura promessa e os compromissos que todo educador necessita atravessar independente do seu tempo.

## Referências bibliográficas

### Obras de Nietzsche

NIETZSCHE, F. (1954) **A Origem da Tragédia**. Editora Moraes. São Paulo.

\_\_\_\_\_ (2004) **Escritos sobre educação**. Ed. PUC-Rio; Loyola. São Paulo; Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_ (1999) **Nietzsche:Obras incompletas**. Nova Cultura. São Paulo.

\_\_\_\_\_ (2003) **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Relume Dumará. Rio de Janeiro.

### Obras sobre Nietzsche

DELEUZE, G. (1976) **Nietzsche e a filosofia**. Editora Rio. Rio de Janeiro.

DIAS, R. (1991) **Nietzsche Educador**. Editora Scipione. São Paulo.

WEBER, F. (2011) **Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche**. Editora da Universidade Estadual de Londrina. Paraná.

MARTON, S. (1997) **A terceira margem da interpretação. A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. Annablume. São Paulo.

MONIZ, L. (2007) **Mito e música em Nietzsche e Wagner**. Editora Madras. São Paulo.